



Marcio Paschoal

REVIVAL

20 DE JULHO A 20 DE AGOSTO DE 2011

DA SÉRIE DISCOS INSTRUMENTAIS

"O PIANISTA DO CINEMA MUDO" (2002) Mu Carvalho

Já está fazendo quase dez anos do lançamento do "Pianista do Cinema Mudo". Um CD em homenagem a dona Alice Magalhães que, na década de 30, tocava nas matinês do Cinema Central de Juiz de Fora. O protagonista desse disco é o neto dela, o sr Maurício Magalhães de Carvalho, também conhecido por Mu (sem acento, por favor) Carvalho.

Para os mais esquecidos ou céticos, Mu foi um dos integrantes do grupo "A Cor do Som", autor de "Sapato Velho" (com Cláudio Nucci e Paulinho Tapajós) e "Semente do Amor" (com Moraes Moreira), que alguns maledicentes entendem como espermatozóide, e outras menos badaladas, como a linda "Tagarelo", do CD "Óleo sobre tela". Além de pianista e arranjador concorrido, o sr. Mu compõe belíssimas trilhas para televisão e cinema, mesmo que alguns desses trabalhos ornamentem malhações globais ou despontem em equivocadas aparições da Xuxa e alguns duendes, como Suzana Vieira e Ana Maria Braga.

Voltemos ao disco em questão, assunto deste texto. "Cinema" saiu em 2002 pelo selo

Boogie Woogie (foi relançado pela Som Livre) e é totalmente instrumental, trazendo um time de primeira: Jorge Helder, Marcos Suzano, Oswaldinho, Nivaldo Ornelas, Jurim Moreira, Marcio Montarroyos, Christine Springuel, Armandinho, Hugo Pilger e Carlos Malta. Autoral (com exceção do clássico de Zequinha de Abreu, Tico-tico no Fubá) são 13 faixas, todas ótimas.

Conheci o disco por intermédio de sua irmã preferida, a Lozinha, e me impressionei com a sua qualidade. Tudo está bem azeitado, da original condução na citada Tico-tico, com a flauta baixo de Malta dando baile, até a magnífica "Apanhei-te mini-moog", com direito a acompanhamento do acordeom de Oswaldinho. Mais tarde, o

mesmo Oswaldinho a regravaria num CD seu. Seguindo adiante no disco, "Elefante Equilibrista" tem um clima nostálgico e

melodia rica; no belo arranjo de Ornelas, o som de "Noite em Les Baux" arrepia os mais gélidos, com os violinos em andamento fantástico em conjunto com a velha sanfona. Piazzola assinaria; castanholas e trompete na andaluz "Hotel Guadalupe", irresistível; a graciosa "Dança dos Camundongos" mostra a faceta chorona do pianista; outro momento mágico, no piano Steinway, em "Chapliniana Z", um lamento para fechar a tampa, uma música



Mú e sua irmã Heloísa Tapajós

como essa, uma garrafa de vodca barata e uma traição nas fuças, pronto: tiro certo; no mesmo diapasão, "Hello Chick I", passeia

seus violinos, num solo típico de Armandinho e na levada de um piano certo.

Minha preferida, e não sei bem explicar, é "Em algum lugar do futuro". Associei-a à "Somewhere in time" (não o sexto do Iron Maiden, mas a da trilha do filme, assinada pelo mestre John Barry), numa mistura de tempo e ritmos diversos.

Difícil se comentar um disco desses. As palavras soam demasiadas e inúteis, seja pelo viés algo pernóstico de quem tenta explicar sonoridades de que não é sabedor, quanto pela dificuldade em elogiar sem cair no piegas ou suspeito.

Como num gole num vinho clássico, na última frase de um livro que não se quer parar de ler ou num beijo na boca, o melhor é sentir. Ou, no caso do "Cinema", ouvir.

Marcio Paschoal é escritor, autor da biografia de João do Vale.

